

## Pensar a Ética em Tempos de Crise: Reflexões Colhidas do Método 6 de Edgar Morin

José J. Queiroz \*

### As partes do Método 6

Das cinco partes que compõem o livro, a primeira, sob o título: *A ética do pensamento e o pensamento da ética*, trata dos fundamentos e princípios da moral<sup>1</sup>. É um convite a começar a leitura pensando teoricamente sobre a ética. Constituem temas dessa parte: o pensamento da ética, o retorno às fontes cósmicas, a incerteza ética, as contradições e ilusões éticas e a ética do pensamento.

As demais partes apresentam a ética em situações específicas. A segunda focaliza a relação entre ética, ciência e política. Tem em mira a tecnociência, que engendra poderes titânicos mas escapa do controle da ética, porque inteiramente dominada pelos interesses das grandes empresas e pela prepotência estatal; aponta também a “mancha cega” que desponta quando o conhecimento científico, ao desenvolver os modos mais refinados para conhecer todos os objetos possíveis, torna-se completamente cego para compreender a subjetividade humana e o próprio avanço da ciência e as suas responsabilidades frente às conseqüências das suas conquistas. Diante dos inúmeros conflitos oriundos do progresso científico em todos os campos, o autor saúda como salutar a proposta habermasiana de uma ética do discurso com o propósito de suscitar uma consciência moral que propicie um agir comunicativo em busca de consenso. A terceira parte trata da auto-ética ou da ética voltada para a pessoa, que desemboca também numa ética para o outro. Começa pelo individualismo ético; depois de analisar a cultura psíquica e o quadro da auto-ética, passa a falar da ética da religião, da compreensão, da magnanimidade e do perdão, da arte de viver com poesia e sabedoria. A quarta parte é a sócio-ética que focaliza os aspectos comunitários. Idênticas em seus imperativos universais, as éticas se diferenciam e até se tornam incompatíveis em suas prescrições particulares, a depender do contexto em que se situa o agir moral. A quinta parte, a antropológica, trata do modo ético de assumir o destino humano. Discorre sobre uma ética universalista, que se torna concreta pela comunicação, interdependência e comunidade de destino da espécie humana. Refere-se a uma ética planetária ou a um humanismo planetário. Aponta a grave crise da ética, da sociedade e do mundo e indica as vias que possibilitam regenerar o agir humano individual, social e da espécie, as vias de esperança e as possibilidades de uma metamorfose. Ao final da obra, a guisa de conclusões, aparecem reflexões sobre o mal e o bem e algumas características da ética complexa.

---

\* Professor doutor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Professor titular do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

<sup>1</sup> **Ética e Moral.** Na Introdução à obra, Morin estabelece uma distinção entre os dois conceitos. Ética designa “um ponto de vista supra ou meta individual”. Já a moral se situa no nível da decisão e da ação dos indivíduos; porém a moral individual depende implícita ou explicitamente de uma ética. Entretanto, dada a inseparabilidade dos dois termos, eles são usados indiferentemente pelo autor ao longo do livro. No contexto desta obra, Morin concebe a ética complexa como “um meta ponto de vista que comporta uma reflexão sobre os fundamentos e os princípios da moral” (Morin, *Ética*, p.15).

## **A crise planetária.**

Embora o *Método 6* tenha sido finalizado em 2004, é impressionante a intuição de Morin acerca de uma crise de proporções assustadoras a sacudir o planeta, parecendo antever o seu desfecho na atualidade. Disseminada por toda parte, a crise vem de longe; sua origem remonta ao século XIX, nos países industrializados, onde se implantou uma “modernização massiva e brutal, instauraram-se Estados absolutos e surgiu a “jaula de aço” da racionalização e da mecanização capitalista (p.171). No cenário atual, a civilização sofre a crise dos valores humanos fundamentais sobrepujados pela tecno-ciência voltada para a produção cada vez mais veloz de bens descartáveis destinados ao consumo imediato, regida pelo mercado total globalizado, onde impera a lógica do lucro e a supremacia do quantitativo (p.171). A crise de hoje faz cair a máscara de bondade e prosperidade que acobertava as perversidades do sistema capitalista, coloca a nu a fragilidade da espinha dorsal desse sistema que reside no aparato econômico/financeiro. Lembrando a metáfora de Marx, escancara-se o “fetiche” do capital (p171). Incapaz de tratar dos seus problemas vitais e de evitar perigos mortais, o planeta afunda-se em uma gigantesca crise que carrega todas as possibilidades de um desastre (p181).

## **Barbárie**

Barbárie é um termo constantemente repetido por Morin a caracterizar os sintomas da crise. Ela não cessa de provocar devastações e encontra nas técnicas modernas meios de potencializar suas perversidades em guerras de todo gênero: étnicas, religiosas, políticas. Os civilizados se tornam bárbaros perpetrando genocídios e etnocídios que atingem com particular atrocidade os povos mais empobrecidos (p.199-200). Trata-se de uma barbárie que se instala “no próprio coração das nossas civilizações pelas relações de dominação, exploração, humilhação e desprezo” (p.200).

Ocorre também olhar para o íntimo de cada um de nós e constatar que a barbárie do mundo fomenta a nossa própria, subjetiva, interior, sempre a nos justificar, a mentir para nós mesmos, a recorrer à lei do talião e à vingança. Ela provoca crimes passionais, violência conjugal, incompreensão entre pais, filhos, irmãos, colegas. Morin faz referência também aos “assassinatos psíquicos” que afetam peculiarmente os intelectuais. Estes, em vez de amantes e cultores da inteligência, enclausuram-se no egoísmo, na vaidade, no desejo de glória, na emulação, atitudes que penetram e contaminam o espaço escolar, carregando intolerância, fechamento ao diálogo, opressão, discriminações (p.200).

## **Sofrimento e dor**

Presentes em toda parte, a maldade e a crueldade objetivas rebatem na subjetividade humana provocando sofrimento e dor. Somos continuadores e herdeiros da maldade cósmica. Por isso, “a noção de mal é inseparável da subjetividade humana” – diz Morin – . Só um sujeito individual pode sofrer com o mal e somente ele pode querer fazer o mal (p.188). “O mal está irredutivelmente em mim” afirma Jean Claude Guillebaud, (apud Morin, p. 188). Nascemos sob o signo da crueldade do mundo e da vida. Mas, por um “trágico privilégio”, o humano foi adquirindo, em sua sensibilidade e afetividade, em seu corpo, alma e espírito, ao lado da capacidade de gozo, a aptidão para sofrer, em todas os ângulos da sua existência, a crueldade do mundo, prolongando em si mesmo as forças cruéis da natureza.

Acrescente-se a esse panorama uma crueldade nova e original própria do humano, a de praticar o mal voluntariamente contra seu semelhante, originando “uma formidável proliferação da maldade, da vontade e do prazer de fazer o mal” (p.189).

### **O princípio-esperança**

Um quadro tão sombrio suscita a questão: como sair da crise? Como construir um mundo de indivíduos e sociedades mais justo, menos cruel?

Há ilhas de bondade em nós e entre nós, há esperanças em meio à desesperança, diz Morin, em referência explícita a *O Princípio-Esperança*, o mais brilhante e completo tratado sobre utopia escrito por um marxista, Ernst Bloch. De Bloch, ele assume a caracterização da esperança como algo “ligado ao ainda não, à aurora a vir, a isso de que o mundo está cheio, mas corre o risco de nunca acontecer, embora se continue a acreditar” (E. Bloch, apud Morin, p. 198). E repete também a famosa frase de Hölderlin: “onde cresce o perigo, cresce também o que salva” . (apud Morin, p. 181)

A crise atual desperta as forças de regeneração; a saída, porém, inclui necessariamente a contribuição da consciência e a recuperação moral (p.182). Ocorre incorporar em nossa consciência e personalidade os preceitos da auto-ética para reativar nossas possibilidades altruístas e comunitárias (p.174). Não bastam, exortações, bons conselhos, lições de moral. O caminho é mais profundo, mais radical. A regeneração ética só acontece em um conjunto de transformações e regenerações humanas, individuais, sociais e históricas (p. 174).

Morin usa quase sempre a palavra “reforma”, mas esse termo não significa o reformismo das posições funcionalistas, que acreditam na bondade intrínseca do sistema, e admitem apenas mudanças superficiais para superar suas crises. Reforma para Morin é muito mais radical, vai ao fundo das estruturas. Por isso, diz ele claramente, à página 169, retomando as matrizes marxistas, que nunca abandonou, apesar da sua ruptura com o estalinismo radicado no partido comunista francês: “hoje, deve-se conservar a idéia de que a reforma deve incluir aspectos estruturais, sociais, institucionais, políticos”.

### **Caminhos**

Logo, porém, vem a ressalva: embora necessária, “essa única via não basta”. Rejeitando a fechada ortodoxia do socialismo real, condenando os seus desmandos, e indo além dos cânones do neoliberalismo, Morin alarga os caminhos que podem ajudar a humanidade a superar a crise. Ocorre combinar “o centrismo e o policentrismo, a anarquia e a hierarquia”, desburocratizar, romper a esclerose da organização, a “gaiola de ferro” da racionalização e da mecanização, “a mão de ferro” do lucro, favorecer o pleno emprego das aptidões estratégicas, inventivas, criadoras (p.169). Criar instâncias planetárias capazes de enfrentar os problemas vitais e trabalhar pela confederação e pela democracia planetárias. Há necessidade de se desenvolver uma consciência do destino terrestre comum, o que implica em unir a reforma material a uma transformação espiritual.

### **Política de civilização**

Uma reforma e uma política de civilização devem ser promovidas, o que requer superar a atomização, a compartimentalização dos indivíduos, restaurar as

responsabilidades e a solidariedade, reduzir a hegemonia do cálculo e do quantitativo em benefício da qualidade de vida, reduzir a predominância do lucro, estimular a economia plural e solidária, o comércio justo, a ética da qualidade, enfim, promover uma política global da humanidade, cuja finalidade é civilizar a terra. (p.170).

### **Outras reformas necessárias**

Relevante é a **reforma do espírito** a fim de favorecer as capacidades da mente em pensar os problemas globais e fundamentais da pessoa e da sociedade em sua complexidade, o que requer uma profunda mudança do sistema educacional, caracterizado pela fragmentação dos saberes e das disciplinas, incapaz de conectar os problemas globais e fundamentais. Morin postula um novo sistema de educação, “radicalmente diferente”, baseado no espírito de religação (p.170).

A **reforma da vida** é outra via indispensável. Morin cita como exemplo a experiência do Monte Verità, ocorrida na Suíça italiana, às margens do lago de Locarno, quando pioneiros, reagindo ao vazio do consumismo, à “jaula de aço” do capitalismo, tentaram instaurar uma comunidade de liberdade, unindo arte e vida, comportando a reforma do lar, do vestir, a estética do corpo, a dança, a harmonia com a natureza e o consumo de alimentos naturais. Morin percebe disseminadas por toda parte tentativas de escolhas diferentes do modo de viver, que se expressam no atual interesse pela yoga, pelo zen-budismo e pela sabedoria oriental. Afirma que a qualidade de vida não pode deixar de considerar essenciais “as necessidades poéticas do ser humano (p.174).

Embora haja mil esboços de formas que aspiram a viver bem e a escapar do mal-estar produzido pela civilização do consumo e do bem-estar material, eles se apresentam desarticulados. Se reunidos, poderiam diagnosticar potencialidades regeneradoras e o prelúdio de uma reforma de vida (p.174).

Ao final da obra, Morin apresenta um programa para viver humanamente. Assumir plenamente a identidade individual, social e antropológica, viver poeticamente a vida em seus múltiplos aspectos: na partilha, na excitação, no prazer, que se alcança na relação com o outro, na vivência comunitária e estética. O viver humanamente é complexo. Inclui “alegria, embriaguez, comemoração, gozo, volúpia, delícia, encantamento, fervor, fascinação, beatitude, deslumbramento, adoração, comunhão, entusiasmo, exaltação, êxtase. Produz satisfação carnal e espiritual. Leva-nos a alcançar o sagrado, um sentimento que aparece no apogeu da ética e do poético” (p. 202).

A **regeneração moral**, que se faz necessária, não consiste em criar novos princípios do agir, nem em adaptar a ética ao nosso tempo. Na realidade, estamos diante de uma carência de ética, visto o prevalecer do egoísmo sobre o altruísmo. Ocorre então revitalizar a ética e a ela adaptar o nosso tempo, o que implica em incorporar nas consciências os preceitos da auto-ética expostos na terceira parte da obra (pp. 91-146).

A **ciência** também deve reformar-se para ser capaz de reformar. Após a primeira revolução científica, que ultrapassou o determinismo e o reducionismo do mundo físico, a segunda, ainda inacabada, busca religar as disciplinas com ênfase na cosmologia, nas ciências da terra, na ecologia, na pré-história humana, possibilitando retomar os grandes problemas da cultura e da natureza. Tornando-se acessível aos profanos, a ciência reformada permite uma “democracia cognitiva” e uma regeneração cultural a estabelecer a comunicação entre as culturas científicas e humanas, o que levaria progressivamente a superar a “pré-história do espírito humano” (p. 175). O

desenvolvimento das neurociências poderia “inibir os piores aspectos do *homo demens* coibindo as explosões de fúria, controlando a agressividade, estimulando o altruísmo e favorecendo a compreensão” (p. 175). Morin supõe também que o progresso das ciências biológicas poderá, em breve, modificar a natureza humana, chegando até mesmo a produzir um “metrantropo”, que ultrapassaria o humano, melhorando todos os seus caracteres. Mas esse passo não se faz sem o aporte da ética a evitar os perigos de uma desumanização (p.176). Todas essas reformas devem respeitar o princípio da recursividade pelo qual “os efeitos retroagem sobre as causas e os produtos são também produtores daquilo que os produz” (p.205). Assim, cada reforma seria produzida e simultaneamente produtora das demais (p.177).

**Realidade ou utopia?** A grande reforma é ao mesmo tempo completamente realista e inteiramente utópica. Utópica, porque forças gigantescas de paralisia, ilusão, erro, opressão, lutam contra ela; realista, porque está nas possibilidades concretas da humanidade no atual estágio da era planetária (p178).

**Quais atores?** Responde Morin: “na história, tudo começa com movimentos marginais, desviantes, incompreendidos, quase sempre ridicularizados e, às vezes, excomungados. Quando conseguem enraizar-se, propagar-se, conectar-se, esses movimentos tornam-se verdadeira força moral, social e política” (p.177-178).

### **Revolução ou metamorfose?**

Morin prefere falar em metamorfose como princípio da esperança ética, atribuindo ao termo uma conotação radical de transformação, que se depara da força da metáfora a que recorre. Na crisálida, onde se fecha a lagarta, acontece um processo de autodestruição da larva e de autoconstrução da borboleta, que tem a mesma identidade da lagarta mas dispõe de uma complexidade que faz gerar novas qualidades e propriedades, inclusive a possibilidade de voar. O mesmo processo caracteriza o despontar da vida e toda a história humana. Nascemos de uma metamorfose não programada que produziu a passagem do animal ao humano, e o avanço da civilização sempre se faz por metamorfoses, morte e ressurreição (p.180).

Quando a solução é invisível, quando no sistema existente a mudança parece impossível e excede os meios da sua lógica, quando há ao mesmo tempo falta e excesso, então, do desespero nasce a esperança. A esperança ética consiste exatamente em tornar possível o impossível (p.180 e 181). No mais agudo da crise é que a metamorfose pode acontecer. Morin acredita que entramos numa fase de mutações históricas, uma era planetária tentando parir uma sociedade-mundo na qual se vislumbram forças regeneradoras que se tornam potências criadoras. Na crise atual, disseminada por toda parte, pode despontar o “homem genérico”, de que falava o jovem Marx, que Morin interpreta como um humano possuidor de capacidades de geração e regeneração (p.182). Apesar das forças adversas, o pensamento de Morin transmite esperança: “salvo regressão ou catástrofe, caminhamos rumo a uma possível meta-humanidade, ou seja, rumo a uma transformação das relações indivíduo/sociedade/espécie que comportaria uma transformação em cada um desses três termos. Por isso, a esperança ética e a esperança política estão na metamorfose” (p.182).

### **Resistir**

Um item especial das conclusões, que aparecem ao final da obra, refere-se à tarefa de resistência (p.200 e ss.). Resistir é a atitude que possibilita unir compaixão e compreensão no enfrentamento à crueldade do mundo, da vida, da sociedade e à barbárie humana, principais fontes das crises que atravessamos. Há um “arque-mal” do universo onde se instala o drama da crueldade que envolve o planeta, ao lado do “arque-bem”, que é a vida em luta contínua e feroz contra a crueldade do mundo e em

constante resistência à sua própria crueldade. Já em páginas anteriores (p.193), Morin, citando Sócrates, em *Teeteto*, afirmara que “é impossível que o mal desapareça mas é preciso tentar impedir o seu triunfo”. E um dos caminhos eficazes é a “solidariedade, o amor, a religação, a comiserção pelas infelizes vítimas” (p.193). Mais adiante, aponta que a resistência à crueldade e à barbárie requer em primeiro lugar “não ser cruel, não ser bárbaro e buscar a tolerância, a compaixão, a mansidão e a misericórdia” (p 200). Necessário também é apostar “nas forças fracas de religação, que estão na cooperação, na compreensão, na comunidade, no amor, apoiadas pela inteligência” (p.201).

Com base nos princípios da termodinâmica, Morin adere à hipótese do fim do universo. Por isso, as forças de resistência e religação, além de fracas e minoritárias, estão fadadas à dispersão e à morte final. Todavia, não há lugar para o imobilismo; o ciclo da morte é também ciclo de vida. Resistir sempre é preciso: “resistir ao mal, à crueldade, é resistir ao que separa, ao que afasta, sabendo-se que, no fim, eles vencerão a partida; resistir a todas as barbáries originárias do espírito humano e defender o frágil, o perecível, sorrir ao sorriso, consolar as lágrimas... É resistir a nós mesmos, à nossa mesquinhez, indiferença, lassidão e desânimo” (p.201).

### **A via do amor**

Muitas são as vias apontadas por Morin como caminhos éticos de enfrentar as pequenas e grandes crises do indivíduo, da sociedade, da espécie, do planeta. Entre todas, a mais excelsa é o amor, a grande fonte de religação. Na origem do cosmo, quando as forças de separação, dispersão e aniquilação continuavam a desencadear-se, lá estava ele, nas “fraquíssimas forças de religação” (p.31) que garantiram a formação dos primeiros núcleos do universo. No tetragrama dialógico constituído por ordem, desordem, interações, organização, as forças de religação “travaram uma luta patética contra a dispersão[...] que, depois dos núcleos, dos átomos e dos astros, criaram na Terra as moléculas, a vida” (p.32). E houve início a grande epopéia da vida “resistindo a morte utilizando a morte” e a contínua “luta mortal e cópula entre Eros e Tanatos”(p.34). Se Eros não tivesse vencido, hoje não estaríamos aqui refletindo sobre crises e ética. E essa luta patética perpassa toda a história da humanidade, “uma luta de religação contra a separação, a dispersão e a morte. Nessa situação, desenvolvemos a fraternidade e o amor” (p.36). “Todo destino de um ser é trágico”. Entretanto, “sabemos e experimentamos uma afirmação humana do viver na poesia, na religação e no amor. A ética é religação e a religação é ética” (p.39).

O humano é o mais complexo entre os seres animados, pois apresenta maior diversidade, autonomia e liberdade, portanto, maior risco de dispersão; daí, a necessidade “da religação antropológica que se manifesta na solidariedade, fraternidade, amizade, e amor. O amor é a religação antropológica suprema” (p.36-37). Expressão superior da ética, o amor exclui a tirania e a hierarquia: é a experiência fundamental da religação dos seres humanos; resiste a todas as crueldades do mundo; no nível mais alto da complexidade humana, a religação só pode ser amorosa e quem vive no amor conecta-se com o outro, com a sociedade e alcança a religação cósmica; tendo surgido da religação do mundo, o amor exalta as virtudes de religação do mundo. Por isso, conclui Morin, citando o Cântico dos Cânticos: “o amor é forte como a morte” (p.37).

As últimas palavras da *Ética* são dedicadas ao amor. Ele não pode ser irracional; por isso, cabe à Ética proteger a racionalidade no coração do amor. Vivendo no amor, conseguimos lidar com a incerteza e a inquietude, porque ele é “remédio para a angústia, resposta para a morte e consolo”. Morin finaliza com uma

recomendação do “médico amor”: ame para viver, viva para amar. Ame o frágil e o precíval, pois o mais precioso, o melhor, inclusive a consciência, a beleza e a alma são frágeis e precívais” (p. 202).

### **Finalizando. Convergências, diferenças**

O breve garimpo pela *Ética* de Morin apontou profundas e consistentes reflexões sobre a crise, suas raízes, características e caminhos de resistência e enfrentamento. Nessa empreitada, Morin não está só. Outros pensadores da ética tiveram a mesma preocupação de construir, pela via moral, caminhos para o ser humano, como indivíduo e sociedade, e é possível notar pontos convergentes, como também diferenças com relação à ética complexa. Kant, entusiasmado com os princípios de liberdade, fraternidade e igualdade firmados pela Revolução Francesa, sonhava com uma sociedade de paz perpétua fundada na universalização desses princípios a serem acolhidos por todas as nações, junto com a prática irrestrita do imperativo categórico. O racionalismo kantiano desembocava num otimismo absoluto que impedia enxergar as incertezas e a complexidade do ser e do agir humano, a fraqueza das forças de religação, e a aposta que constantemente permeia o destino das ações individuais e sociais. “A esperança não é certeza. Dizer que se tem esperança é afirmar que existem muitas razões para desesperar” (Morin, p.199). Aí uma das diferenças entre a ética complexa e a propostas da razão prática kantiana.

Ao tratar das vias regeneradoras, na quinta parte da obra, Morin acolhe a tese marxista, admitindo como essencial uma reforma ou transformação radical das estruturas da sociedade fundadas (e fundando) na dominação e na espoliação. Pretende, entretanto, como já foi visto, ir além dessa proposta, apontando a necessidade de criar instâncias planetárias de enfrentamento, a urgência de desenvolver a consciência de um destino terrestre comum e a inseparabilidade entre transformação material e espiritual. Muitas outras convergências e diferenças poderiam ser apontadas entre o pensamento ético de Morin e o marxista, o que requer um estudo mais amplo que extrapola os limites deste trabalho.

Habermas, desde a década de 70, vem alertando sobre a crise de legitimação do capitalismo tardio estabelecendo estreita ligação entre crise econômica e social: “a crise econômica resulta de contraditórios imperativos sistêmicos e ameaça a integração social. É, ao mesmo tempo, uma crise social na qual os interesses dos grupos em ação colidem e colocam em questão a integração social da sociedade (Habermas, 1980, p. 45-46). A conhecida ética do discurso, proposta por Habermas, que propõe a necessidade do consenso, e uma consciência moral que leva a um agir comunicativo (Habermas 1989), embora aplaudida por Morin, no que tange à necessidade de entendimento e solidariedade entre os humanos em tempo de crise, não coincide totalmente com as propostas da ética complexa, pois o consentimento encerra também conflito, divergências. O diálogo inclui uma dialogia, porquanto engloba “a unidade complexa entre duas lógicas, entidades ou instâncias complementares, concorrentes e antagônicas que se alimentam, completam, mas também se opõem e combatem” (Morin, p. 206).

Uma aproximação com Hans Jonas, em *O princípio de responsabilidade: em busca de uma Ética para a era tecnológica* (1979) é viável, pelas preocupações comuns referentes ao *princípio da incerteza* a gerar a *heurística do medo*, trabalhados por Jonas no contexto das novas tecnologias, assim como seus indicativos para a prolongação no futuro da ética da responsabilidade e solidariedade e a necessidade de uma “consciência teleobjetiva mirando alto no tempo e no espaço” que Morin acolhe em sua obra (apud Morin, p. 164).

Mais difícil seria uma aproximação com Lipovetsky, em *Crepúsculo do dever* (1992), que preconiza, na era pós-moderna, a morte do ético. A ética complexa, como foi exposto, contraria essa posição negativista e apela constantemente para a regeneração das fontes da moral, revitalizando o circuito indivíduo/sociedade/espécie e as atitudes fundamentais do agir humano: responsabilidade, solidariedade, compreensão, fraternidade e amor.

Embora Morin não se declare explicitamente um pós-moderno, muitas características do seu pensamento se aproximam das posições pós-modernas. Por isso, um diálogo seria fecundo com Bauman em *Ética Pós-moderna* (1993/2006). Diferenças existem, nomeadamente no que diz respeito ao lugar do amor como via de regeneração, eis que Bauman, na esteira de Giddens (1992), assume uma posição um tanto cética e se preocupa mais com as aporias e ambivalências que estariam “no coração do amor” (Bauman, 2006, pp. 108-127) do que com seus aspectos positivos, como faz Morin. Mas as aproximações são muitas, em especial, no que tange à incerteza ética, tão enfatizada por Morin. Diz Bauman:

Nossa responsabilidade moral coletiva, assim como a responsabilidade moral de todo homem e de toda mulher, nada no mar da incerteza. A incerteza sempre foi o chão familiar da escolha, embora a moderna filosofia moral e a prática adiaforizante tenham feito o máximo para negá-la na teoria e reprimi-la na prática. Quanto a isso, a situação pós-moderna não é nova. O que verdadeiramente é novo é a enormidade das apostas (Bauman, 2006, p 253).

Há grande coincidência na caracterização da crise atual, em especial no capítulo referente à moral privada e os riscos públicos (Bauman 2006 pp.213-253). Embora, como Morin, Bauman não acredite em um paraíso final a superar todas as crises (“não serão acordados os mortos, os esmagados não serão curados. O monte de escombros continuará crescendo. Os que sofreram, sofreram” – Bauman p. 255 - ), o autor, contrapondo-se a Lipovetsky, critica o seu negativismo e expressa a esperança de que a ética, desfeitas as ilusões da modernidade e sua fé inabalável na emancipação via capitalismo mercadológico global, possa revitalizar as fontes do poder moral e reforçar “as oportunidades de moralização da vida social” (Bauman, 2006, p.8).

Essas aproximações e diferenças permanecem apenas esboçadas, porque constituem objeto de outro estudo, em preparação. O que importa é frisar que Morin, como muitos pensadores da ética, em seu *Método 6*, realiza uma profunda análise das crises que afligem as pessoas, a sociedade e o planeta e oferece importantes reflexões para lidar com elas, reafirmando os princípios da ética complexa como esperança em meio à desesperança que caracteriza a atual conjuntura.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. 3ª. ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *The transformation of intimacy: Sexuality, love and eroticism in modern societies*. Cambridge: Polity Press, 1992
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A crise de legitimação do capitalismo tardio*. Rio de Janeiro: Ed. Tampo Brasileiro, 1980.
- JONAS, Hans. *O princípio de responsabilidade: em busca de uma Ética para a era tecnológica*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1979.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Le crépuscule du devoir*. Paris. Éditions Gallimard, 1992.
- MORIN, Edgar. *O Método 6. Ética*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005